

# Sesc<sup>tv</sup>

EDIÇÃO N.124 / JULHO DE 2017

CURTAS-METRAGENS  
**ESTREIA DA SÉRIE  
DIFERENTE COMO  
TODO MUNDO**

DOCUMENTÁRIO  
RITUAL INDÍGENA KWARÏP HOMENAGEIA  
OS MORTOS NO ALTO DO XINGU

MÚSICA  
DESTAQUES DO JAZZ CONTEMPORÂNEO,  
DA MÚSICA DE CÂMARA E DA MÚSICA  
CLÁSSICA EM CONCERTOS INÉDITOS

série

H A B I T A R

H A B I T A T

As diferentes formas de morar

Direção: Paulo Markun e Sergio Roizenblit

domingos, 11h

Episódio: Casa de Arquiteto. Foto: Divulgação

Assista online:  
[sesctv.org.br/aovivo](http://sesctv.org.br/aovivo)



/SECTV

### DESTAQUES

- 4 O protagonismo das diferenças
- 6 A infinitude do espírito
- 7 Ancestralidade e equidade
- 7 Consciência amplificada

### ENTREVISTA

- 8 Chico Teixeira: Um olhar sensível sobre o cotidiano

### ARTIGO

- 12 Audiodescrição no cinema - a imagem pela palavra

### ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



### capa

Foto de capa: Blinded

Crédito: Frances Lewis -  
FL Collection

# Cultura e inclusão

**Danilo Santos de Miranda**

Diretor Regional do Sesc São Paulo

Dentre vários conceitos e valores atribuídos à cultura, é fundamental a concebermos pela perspectiva da diversidade e a entendermos como uma ferramenta indispensável de protagonismo, de transformação, de valorização e de inserção do ser humano na sociedade, sobretudo dos que são marginalizados por sua cor, crença, condição social, física e mental. A consciência cada vez maior de pessoas com deficiências sobre seus direitos reforça a importância da criação e ampliação de espaços que discutam o tema, a fim de promover sua inclusão social e cultural.

Para refletir sobre essas questões, o SescTV exibe a série inédita *Diferente Como Todo Mundo*. Com curadoria de Zita Carvalhosa, vinte curtas-metragens são apresentados, tendo como protagonistas deficientes físicos e mentais. No mês de estreia, o filme *Escute*, dirigido por Manoela Meyer, aborda a relação de pessoas cegas com o cinema e mostra deficientes visuais que, além de espectadores, trabalham como diretores. Já *Criaturas Que Nasciam Em Segredo*, dirigido por Chico Teixeira, relata os desafios enfrentados diariamente por anos que moram em São Paulo.

O canal exibe também os shows das bandas The Cinematic Orchestra e Marcus Gilmore's Actions Speak, gravados durante o Nublu Jazz Festival, além da apresentação do grupo norte-americano Imani Winds, no Festival Sesc de Música de Câmara; shows realizados em 2016. O documentário *Kwarîp: rito e mito no Xingu* acompanha os preparativos dos índios do Alto do Xingu para render homenagens aos mortos.

A Revista do SescTV entrevista o diretor e roteirista Chico Teixeira, que fala da sua trajetória no audiovisual e de sua relação com a arte. O artigo da audiodescritora e pesquisadora Bell Machado discute a importância da audiodescrição no cinema. Boa leitura!

Envie sua opinião, crítica  
ou sugestão para:

[atendimento@sesc.tv](mailto:atendimento@sesc.tv)



# O protagonismo das diferenças

A importância do cinema na abordagem de temáticas sobre pessoas com deficiências em prol da visibilidade e inclusão social



Joceli Lopes, no documentário *Criaturas Que Nasciam Em Segredo*. Direção: Chico Teixeira.

“Uma vez, eu vi um filme sobre pessoas com Síndrome de Down e saí da sessão completamente extasiada.” A experiência vivida pela produtora audiovisual Zita Carvalhosa revela as potencialidades do cinema ao abordar temas que, apesar de não corriqueiros, fazem parte do cotidiano de muitos, como aqueles que têm algum tipo de deficiência, seja ela física ou mental.

Zita é fundadora e diretora do Festival

Internacional de Curtas-metragens de São Paulo, co-realizado pelo Sesc. Ela defende o cinema como um importante meio de interação e acessibilidade, e acredita em seu poder de sensibilizar e transformar as pessoas. Nesse sentido, é essencial que diretores e roteiristas busquem assuntos para suas obras que explorem a diversidade humana, sobretudo com conteúdos inclusivos relacionados àqueles que são, muitas vezes, invisíveis à sociedade.

## SÉRIE DE CURTAS-METRAGENS PREMIADOS MOSTRA O COTIDIANO DE DEFICIENTES FÍSICOS E MENTAIS



FOTO: DIVULGAÇÃO

Para ampliar a discussão e reforçar a importância de falar sobre as diferenças, o festival de curtas de São Paulo ganhou uma mostra com produções que revelam os desafios pessoais e de interação social desses cidadãos. O principal objetivo da iniciativa, segundo Zita, é criar empatia do público sobre a temática e trazer maior visibilidade para os deficientes.

A seleção de filmes ganhou corpo e se

transformou na série inédita “Diferente Como Todo Mundo”, exibida com exclusividade pelo SescTV. Com curadoria de Zita, a série apresentará vinte curtas-metragens brasileiros, todos eles com passagem pelo festival. “Exibir estes curtas na TV é abrir um espaço permanente para a interação e o diálogo. A ideia é fazer do cinema um protagonista nestas questões”, afirma a diretora. No mês de estreia, a série traz duas produções premiadas.

O curta *Escute*, dirigido por Manoela Mayer, discute a experiência do cinema a partir do olhar de pessoas cegas. O neurocientista Marco Fiorani, a audiodescritora Bell Machado e deficientes visuais explicam como ocorre a percepção e fruição do cinema para aqueles que não enxergam. “Tudo isso tem a ver com a percepção sensorial que o cinema traz, se ele conseguir trabalhar e democratizar estes sentidos, nós teremos uma experiência bem diferente”, pontua Milene Cristina, cinéfila e deficiente visual.

Já no documentário *Criaturas Que Nasçam Em Segredo*, o diretor Chico Teixeira revela o dia a dia de vários anões que vivem na cidade de São Paulo. Estigmatizadas durante a Idade Média, pessoas com nanismo são vistas, até hoje, com curiosidade, sendo geralmente destinadas a profissões artísticas, como palhaços e saltimbancos. No curta, elas relatam seus sonhos, dificuldades e histórias, como o casal Joceli Lopes e João de Araújo, que conta seus desafios diários de cuidar da casa e de duas filhas. “Quando saíamos na rua ou íamos para algum lugar, elas nunca pediam colo, porque sabiam, que pelo tamanho da gente, não íamos aguentar. Pareciam que entendiam.”

Narrativas documentais e ficcionais sobre família, relacionamentos e superações, entre outros temas, protagonizadas por personagens com deficiências distintas, estão presentes na nova série exibida e mostram que pessoas com deficiência são, de fato, diferentes como todo mundo. ●

### DIFERENTE COMO TODO MUNDO



### ESCUTE DIA 20, 21H.

Direção: Manoela Mayer.  
Classificação: Livre.



### CRIATURAS QUE NASCIAM EM SEGREDO DIA 27, 21H.

Direção: Chico Teixeira.  
Classificação: 10 Anos



Assista ao teaser da série:







FOTO: HAROLDO PALO JR.

## A infinitude do espírito

Documentário acompanha os preparativos do *kwarip*, a festa dos mortos, e revela elementos importantes das culturas indígenas do Alto do Xingu

Todos os anos, ao fim da estação seca, diferentes etnias do Alto do Xingu fazem sua despedida e prestam homenagens a seus mortos. É o que acontece na aldeia Aiha Kalapal, no Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso.

Os Kalapalo se reúnem e planejam a preparação de onze dias do *kwarip*. Dividem-se entre a pesca e o preparo dos alimentos à base de polvilho e pequi que acompanharão os peixes assados e adentram a floresta para cortar e derrubar a árvore que dá nome ao ritual. Após a lenha cortada, mensageiros são enviados às aldeias vizinhas para convidar todos à cerimônia.

Além dos Kalapalo, o *kwarip* reúne etnias como os Aweti, os Kamaiurá e os Waura, entre outras, e tem sua origem na figura de Mawutzinin, o primeiro homem no mundo.

Ele queria que seus mortos voltassem à vida. Foi para o mato, cortou três toras de madeira de *kwarip*, fincou-as no centro da aldeia, pintou-as e adornou-as com penachos e tiras de algodão. Chamou a todos para comer, cantar e dançar em frente aos paus, enquanto sacudia seu chocalho e os chamava à vida. Durante o ritual, foi interrompido por um moço que desobedeceu a suas ordens, e os *kwarip*, que começavam a virar gente, pararam de mexer e voltaram a ser pau. Zangado, Mawutzinin determinou que os mortos não reviveriam mais e o *kwarip* seria só festa.

A narrativa religiosa do Alto do Xingu e seu mais importante ritual são registrados pelo fotógrafo, documentarista e naturalista brasileiro Haroldo Palo Jr. em *Kwarip: rito e mito no Xingu*. ●



**KWARIP: RITO E MITO NO XINGU**  
DIA 15, ÀS 22H.  
Direção:  
Haroldo Palo Jr.  
Classificação: Livre

FOTO: DIVULGAÇÃO



## Ancestralidade e equidade

**DIA 26, 22H.** Especial Musical. Imani Winds.  
Direção para TV: Daniela Cucchiarelli.  
Classificação: Livre.

Através da música, a compositora e flautista norte-americana Valeria Coleman busca transmitir sua fé e ancestralidade. Valeria é negra e luta contra um estigma na música clássica, formada em sua maioria por homens brancos. Junto à fagotista Monica Ellis, a oboísta Toyin Spellman-Diaz, ao trompetista Jeff Scott e ao clarinetista Mark Dover, Valeria integra o grupo de sopro Imani Winds, inspirado na música de diáspora africana e latino-americana. “De alguma forma, estes ambientes vibrantes, cheios de vida, ritmos e sons nos tocou muito cedo”, comenta Monica. Por mais espaço para negros e mulheres no seio da música clássica, o quinteto realiza concertos e divulga seu trabalho em diversos locais, como escolas e comunidades. “Existe uma grande luta em nossas mãos e um longo caminho a percorrer”, declara Valeria. Com 20 anos de trajetória, Imani Winds se apresentou no Festival Sesc de Música de Câmara, em 2016. No repertório, composições autorais e de Heitor Villa-Lobos e Júlio Medaglia. ●

FOTO: DIVULGAÇÃO



## Consciência amplificada

**DIA 12, 22h.** Especial Musical. The Cinematic Orchestra e Marcus Gilmore’s Actions Speak.  
Direção para TV: Daniel Pereira. Classificação: Livre.


Para o baterista e compositor norte-americano Marcus Gilmore, o essencial em suas composições é expressar sentimentos, pensamentos e sensações. “É importante estabelecer suas intenções, na esperança de que as pessoas te entendam de uma maneira específica, mas também estar aberto a interpretações, porque música é arte”, comenta. Gilmore é um dos bateristas mais requisitados de Nova Iorque e busca através de seu trabalho ampliar sua consciência. “Estou construindo um som mais pessoal e considero que este processo é para a vida toda.” Em sua primeira vez no Brasil, o músico trouxe ao palco do Sesc Pompeia, no Nublu Jazz Festival 2016, seu projeto Marcus Gilmore’s Actions Speak. Na mesma noite, a banda britânica The Cinematic Orchestra apresentou seu repertório de trip hop e nu jazz. Criada em 1999, a orquestra experimental tem mais de nove álbuns lançados e produz trilhas sonoras. No show, em meio a projeções visuais, os músicos tocam as canções *J Bird*, *Breathe* e *Man With The Movie Camera*. ●

**CHICO TEIXEIRA. DIRETOR DE CINEMA.**

Artista fala de sua trajetória na TV e no cinema e da relação com a arte e os sentimentos

## Um olhar sensível sobre o cotidiano

Chico Teixeira não é Francisco, mas Gustavo. O apelido de infância lhe foi dado por sua mãe, após o garoto, muito levado, ter sofrido um grave corte na língua que o levou a ser hospitalizado e a receber uma transfusão de sangue. Sua mãe fantasiava que os médicos lhe haviam dado sangue de macaco. Assim o chamava “meu macaquinho, meu Chiquinho”. O garoto cresceu, o apelido pegou e a língua, outrora ferida, não o impediu de se comunicar com belas palavras e grande sensibilidade, elementos que transporia com fidelidade para seu trabalho. Carioca, mudou-se para São Paulo para estudar Economia e adotou a cidade como seu lar. A infelicidade na profissão e a relação próxima com amigos do audiovisual o levaram a abandonar a carreira de economista para trabalhar na TV. Da produção de programas de entrevistas, passou a fazer documentários, como o premiado *Criaturas que Nasciam em Segredo*, que o SescTV exhibe este mês, na estreia da série *Diferente Como Todo Mundo*. Seus dois longas-metragens *A Casa de Alice* e *Ausência* venceram festivais nacionais e internacionais, foram distribuídos em diversos países e deram a Chico a certeza de que o cinema era, para ele, o caminho certo a seguir.

  
**CRIATURAS  
QUE NASCIAM  
EM SEGREDO  
DIA 27, 21H.**

Direção: Chico  
Teixeira.  
Classificação:  
10 Anos

### O que o levou a trabalhar com audiovisual?

Sou formado em Economia, fiz pós-graduação na área, mas estava muito infeliz. Na época, tinha

amigos que trabalhavam em um programa de entrevistas, na TV Manchete, chamado Conexão Nacional, dirigido pelo Roberto Feith e pelo Roberto D’Ávila. Quando essa turma vinha a São Paulo para filmar, ficava na minha casa com a condição de me deixar ir às filmagens. Comecei a adorar aquela história toda de entrevista, de falar coisas emocionais, de entrar por caminhos subterrâneos e internos que as pessoas têm. Eu me dei conta de que era aquilo que queria.

### Como começou a produzir?

Pedi ao Roberto Feith que me deixasse trabalhar com ele, fazia qualquer coisa. Fui para o Rio. Não procurei nenhum curso, não dava tempo. Estava tudo na minha frente. As pessoas me ensinaram muita coisa. Aprendi na mão, na raça. Fiquei um ano e dois meses fazendo o Conexão, até que decidi trabalhar sozinho. Voltei a São Paulo e comecei a fazer meu primeiro documentário, o *Favelas*, sobre as favelas paulistanas. Sentia que eram mais miseráveis, mais duras. São Paulo é uma cidade dura. Eu, que vim do Rio – cidade da cerveja, da piada, da praia, do vento no rosto, do alto astral –, adoro São Paulo. Aqui, é mais profissional. Se o tempo está feio, você fica feio também. Eu gosto da sinceridade dessa cidade.







## RAIO-X

**CHICO TEIXEIRA,  
RIO DE JANEIRO (RJ)**

**Formação**  
Economia

### Alguns trabalhos:

- Criaturas Que Nasciam Em Segredo (1995)
- A Casa de Alice (2007)
- Ausência (2014)



**“O cinema me basta.”**



**“A arte é uma sangria desatada de sentimentos. Ela é uma grande poesia, um contato com você mesmo, um grande conhecimento e uma delicadeza.”**

**“Não tenho o mínimo medo de gente mais experiente do que eu, de gente mais inteligente do que eu, que tenha mais sucesso do que eu, não tenho.”**

»»

**Como foi a transição do documental para o ficcional?**

Foi sem querer. Conversei com a Zita Carvalhosa, logo após fazer *Criaturas Que Nasciam Em Segredo*, e disse que, depois de um documentário sobre anões, queria falar sobre cegueira. Estava me dando uma angústia de ver gente cega! Queria falar de sentimento, queria falar de por que eu não sinto tanto como um cego, que vai pegando, vai cheirando, vai percebendo. Tenho tudo que ele tem e mais a visão, mas ele sente quando eu chego, nota absolutamente tudo. Queria ter esses sentidos aguçados. Comecei a pesquisar sobre o tema, falei com a Zita e ela disse “Vamos fazer!”. Mas na hora de escrever percebi que não era um documentário que eu queria.

**Foi assim que surgiu *A Casa de Alice*?**

Sim. Eu estava morrendo de medo, porque nunca tinha feito um longa-metragem e dirigido um ator na vida. Então, fui aprendendo como sempre, na prática. Pedi ajuda para a Fátima Toledo, preparadora de elenco. Foi ótimo. Meti a cara. Posso me quebrar inteiro, mas sempre vou tentando. No filme, queria falar mais do que de cegueira, queria falar de gente, de relacionamento dentro de casa, dos quebra-paus, das hipocrisias de uma família de verdade. Nessa família, resolvi botar uma pessoa que vai perdendo a visão, vai cegando, que é a vovó Jacira, mãe de Alice.

**Seus filmes falam bastante sobre o cotidiano. Esse é seu grande tema?**

Eu sou observador. Olho muito. Estou falando com você e fico te olhando, querendo saber de onde você vem, o que você faz, observo o jeito como você senta. Tudo me fala, o corpo

fala muito e eu gosto muito disso. Gosto das temáticas humanas, gosto do cotidiano. Eu vou muito na rua, pesquiso muito, mas não é pesquisa de biblioteca. É pesquisa de rua mesmo, sabe? Ouvir um diálogo aqui, outro ali, andar e ver alguma cena. Às vezes, não acontece nada exatamente, mas dentro de cada um está acontecendo muita coisa.

**Você acredita que a arte possa revelar e transformar o cotidiano?**

A arte é transformadora. O artista e seu objeto de arte, de alguma forma, passam inquietação às pessoas, falam sobre o que está acontecendo nessa panela de pressão em que vivemos hoje. Não quero ser panfletário, não tenho esse interesse, mas, se faço um trabalho e mostro uma personagem de determinada classe social, estou falando de política. Tudo o que fazemos é político. Mas arte é muito mais do que isso. A arte é uma sangria desatada de sentimentos. Ela é uma grande poesia, um contato com você mesmo, um grande conhecimento e uma delicadeza.

**O que o cinema representa para você?**

O cinema é uma grande reflexão sobre minha vida, sobre o mundo e sobre mim mesmo. É um mergulho intenso que dou em mim e o que eu mais quero é isso. O cinema me basta. Ele me abraça de um jeito que me faz sentir como se eu não precisasse mais de ninguém, como se não precisasse mais de outra arte pra viver. Pelo menos até agora. Não desmereço as outras artes – das quais eu gosto muito, como as artes plásticas e a música –, mas o cinema, ele me basta.

**Como é fazer cinema no Brasil?**

É difícil e não é. Pelo menos pra mim. É difícil no momento em que a gente não tem tanto



## CHICO TEIXEIRA EM TRÊS TRABALHOS

FOTOS: DIVULGAÇÃO



■ *Ausência* (2014)



■ *A Casa de Alice* (2007)



■ *Criaturas Que Nasciam Em Segredo* (1995)

patrocínio e dinheiro. Por exemplo, atualmente está muito difícil conseguir patrocínio de uma empresa privada, de uma indústria ou de um banco para meu tipo de cinema. Não faço comédia, não uso atores famosos, não tenho muito apoio. Ninguém vai botar dinheiro. Então, o que eu faço? Procuo editais, sejam eles municipais, estaduais, federais, da Ancine e de vários órgãos governamentais. Consigo também lá fora, com editais e concursos internacionais. As pessoas no exterior gostam do meu trabalho.

### Qual a receptividade de seus filmes?

O meu público no Brasil é bem pouco, não tenho vergonha de falar. *Ausência*, meu segundo longa, ganhou oito prêmios, mas fez por volta de quatro mil pagantes nos cinemas. Lá fora ele foi bem, também foi premiado e vendeu para um monte de lugares. *A Casa de Alice* também foi bem, ganhou em torno de 38 prêmios.

### Pensa em produzir no exterior?

Tenho muita vontade de trabalhar fora e com mão de obra estrangeira também, principalmente com roteiristas latinos. Ganhei um edital espanhol, o Ibermedia, que me dá uma parceria de coprodução. Estou escrevendo um novo roteiro. Quem sabe não faço a primeira versão e depois entra alguém para dar uma mexida? Eu gosto disso. Não tenho o mínimo medo de gente mais experiente do que eu, de gente mais inteligente do que eu, que tenha mais sucesso do que eu, não tenho. Eu quero me juntar a esse tipo de gente, isso me soma, em vez de me implicar.

### Como será seu novo filme?

Quero contar a história de uma mulher emancipada, que já trabalhou e tem aposentadoria, que teve filho e criou família, uma mulher que é livre. Seu nome, até agora, é Dolores. Ela está mais gorda, mais velha, mais feia, mas está experiente, mais “safá” com ela mesma e se conhece mais. Quero falar dessa brasileira, de classe média baixa, que eu gosto. Ela vai fazendo a vida dela, tomando umas cassetadas de dinheiro, pagando coisas para as pessoas, para ter um pouco de alegria, de companhia e por aí vai empurrando com a barriga a solidão. ●



# Audiodescrição no cinema - a imagem pela palavra

Bell Machado é audiodescritora, bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas e mestre em Multimeios no Instituto de Artes da Unicamp. Foi professora de História do Cinema, no MIS - Museu da Imagem e do Som de Campinas, e no curso de Especialização em Audiodescrição, na Universidade Federal de Juiz de Fora. Dirige atualmente o departamento de inclusão e acessibilidade cultural na empresa Quesst Consultoria.

por **Bell Machado**



O cinema como arte audiovisual se comunica por meio de uma linguagem. No que se refere à linguagem visual, ou seja, à imagem, o cinema constrói sua comunicação de duas formas: pelo conteúdo da imagem e pela forma pela qual captamos esse conteúdo. O conteúdo é responsável pelo sentido lógico. A forma de registro são os planos e movimentos da câmera. Se a imagem no cinema constrói sua comunicação pela forma e conteúdo, a audiodescrição no cinema também deve seguir os pressupostos da linguagem da arte que se propõe a descrever, ou seja, uma audiodescrição que não se restrinja a descrever somente o conteúdo das imagens, mas que se estenda à maneira pela qual elas são registradas, sua linguagem.

Uma pessoa que nasce vendo e escutando cresce, por assim dizer, alfabetizada por códigos visuais e sonoros estabelecidos pelos sentidos e pelos ambientes socioculturais. A pessoa que nasce cega, por sua vez, não tem acesso aos códigos visuais de comunicação, ela recebe, dos que veem, as descrições das coisas do mundo. Desse modo, esse espectador no cinema só poderá imaginar as imagens e os detalhes dos movimentos se conseguir se projetar ali. Será a audiodescrição cuidadosa com os elementos da linguagem da câmera, a proximidade, o ângulo, que darão a sensação, o prazer ou o incômodo, seja de um tombo, de um

rosto sorrindo, do seio de uma mulher ou de duas pessoas fazendo amor. O audiodescritor terá que, a partir da pluralidade do olhar, dar conta dessa tradução visual. Buscamos a objetividade da imagem enquanto ela busca em nós a subjetividade. Eis a parte invisível do olhar: aquela que está na mente de cada um.

A audiodescrição (AD) é um recurso de acessibilidade comunicacional, utilizado com o objetivo de ampliar o entendimento de pessoas com deficiência visual, intelectual, baixa visão, disléxicos e idosos com baixa acuidade visual, em quaisquer situações nas quais as informações visuais sejam fundamentais para sua compreensão. A AD pode ser feita em imagens estáticas e em movimento e é considerada um modo de tradução audiovisual intersemiótico, no qual o signo visual é transposto para o signo verbal. No cinema, ela é feita por meio de um audiodescritor que descreve as cenas, os ambientes, os personagens, as mudanças de tempo e espaço, a iluminação e as articulações de planos, tudo isso entre as falas do filme.

A complexidade está em toda parte do processo! A escrita de um roteiro de audiodescrição de um filme consiste em escolhas de imagens e formas de descrição. Para o filósofo Vilém Flusser, escrever um roteiro de cinema é uma sucessão de formas de rasgar imagens, é um ato de fazer incisões,

criar rupturas, e isso também é aquilo que o audiodescritor faz com as imagens do filme. No entanto, um espectador que ouve (cego ou que permanece de olhos fechados) não poderá conferir qual a medida dessas rupturas e o audiodescritor deverá ter a responsabilidade de transformar aquelas imagens em palavras. Imagens trazem palavras, que levam a outras imagens; é a palavra que deverá fazer com que o fluxo contínuo das imagens não pare na mente da pessoa cega.

Na sequência da Escadaria de Odessa, no filme *Encouraçado Potemkin*, de Sergei Eisenstein, sua própria linguagem pede um roteiro de AD que a referencie. Se a sequência da escadaria for descrita sem salientar as mudanças de ponto de vista do cinegrafista por meio da câmera (que ora está lá embaixo no final da escadaria, câmera rente ao chão, filmando de baixo para cima as pessoas que correm desesperadamente em diversas direções, clamando para que não atirem, e ora está no alto da escadaria, rente a uma estátua do ditador, que mostra uma fileira de soldados emparelhados, descendo e disparando seus fuzis contra o povo), não será possível o espectador com deficiência visual sentir o ritmo e o impacto da mudança de olhar que Eisenstein quer provocar. É o impacto que provoca a reflexão sobre o conceito de hierarquia e de luta de classe. É um cinema conceitual, e somente a articulação dos planos o confirma. Essa experiência do corpo, ou melhor, do olhar, somente poderá ser apreendida pela pessoa com deficiência visual por meio do relato da experiência do

olhar do audiodescritor, que deve, por sua vez, estudar a obra a ser audiodescrita. A descrição dessa linguagem pode ser decisiva para que a pessoa entenda as óticas de representação, responsáveis pela fisionomia do objeto filmado e pelo sentido do filme.

Assistir a um filme é sentir uma profusão de sensações, é usufruir dos elementos de som e imagem, que constituem sua gramática. Esses elementos conjugados são a forma de representação simbólica da arte cinematográfica e, ao serem descritos em palavras, poderão contribuir para a formação do repertório imagético das pessoas com deficiência visual e para o desenvolvimento das relações simbólicas, tão fundamentais para a fruição da arte.

Não importa se a pessoa com deficiência visual vai conseguir imaginar exatamente aquilo que o audiodescritor descreveu. O que importa é que somente a AD dará à pessoa que não enxerga a possibilidade de imaginar aquelas imagens e ampliar os seus conceitos.

Não se pode mensurar o entendimento da arte cinematográfica, porque um dos preceitos da arte é de que ela não deve servir a algo. Na arte não há comparação, porque no olhar não existe medida, o que a arte pede é percepção, e é a audiodescrição adequada que permitirá a reflexão sobre a pluralidade das percepções, tornando possível o debate sobre a arte cinematográfica, entre pessoas que veem e as que não veem. ●





Dia 19, 22h

### ORQUESTRA EXPERIMENTAL DE REPERTÓRIO

Especial Musical. Direção para TV: Daniel dos Santos. Classificação: Livre.

Fundada em 1990 e regida pelo maestro Carlos Moreno, a Orquestra Experimental de Repertório apresenta concerto em comemoração aos 70 anos do Sesc, realizado em 2016, no Theatro Municipal de São Paulo.

Dia 9, 21h30

### TONY BABALU

Instrumental Sesc Brasil.  
Direção: Max Alvim  
Classificação: Livre.

O período entre 1967 e 1975 foi determinante para a história do rock nacional. Nesta época, na Vila Pompeia, bairro da capital paulista, surgiam bandas como Mutantes, Tutti Frutti, Patrulha do Espaço, Incríveis, Casa das Máquinas, entre outras. Originário deste importante movimento musical e antigo guitarrista da banda Made in Brazil, o compositor e arranjador Tony Babalu se apresenta no palco do Teatro Anchieta e toca seu repertório de mais de 45 anos de carreira.

Dia 18, 16h

### NOSSOS SAPATOS

Dança Contemporânea.  
Direção para TV:  
Antonio Carlos Rebesco.  
Classificação: Livre

“As fases da morte e do luto são a negação, a ira, a barganha, a depressão e a aceitação”, explica o coreógrafo Luiz Fernando Bongiovanni. Inspirado em suas experiências e no livro *Sobre a Morte e Morrer*, da psiquiatra suíça Elisabeth Kübler Ross, Bongiovanni aborda questões sobre perda, ausência, memória e saudade no espetáculo de dança encenado pelo Núcleo Mercearia de Ideias.





FOTO: MARCELO NAVA



## Dia 8, 21h GALERIA DO ROCK

Arquiteturas.  
Direção: : Paulo Markun e Sérgio Roizenblit. Classificação: 12 anos.

Inaugurada em 1963 e projetada pelo arquiteto paulistano Alfredo Mathias, a Galeria do Rock é um símbolo da diversidade de São Paulo. “Tem várias pessoas diferentes, com culturas, etnias, gostos e ritmos distintos dividindo o mesmo espaço”, comenta a fotógrafa Zaika dos Santos, visitante assídua da galeria. Comerciantes, arquitetos e frequentadores do prédio icônico revelam a história e a importância do local para a cidade.

## Dia 16, 22h30 SÓ, EU VOU E VOLTO

Caminhos. Direção: Heloisa Passos. Classificação: Livre.  
Jovane é estudante de História na Universidade Estadual do Amazonas e sonha em chegar ao mestrado. Todos os dias ele se divide entre cuidar da família, trabalhar na produção de mandioca e atravessar rios, lagoas e cidades para chegar à universidade.



FOTO: HELOÍSA PASSOS



**SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**  
Administração Regional no Estado de São Paulo

**PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL**  
Abram Szajman

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL**  
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

### COORDENAÇÃO GERAL

Ivan Giannini

### SUPERVISÃO GRÁFICA

Hélcio Magalhães

### REDAÇÃO

João Cotrim e Eloá Cipriano

### EDITORIAÇÃO

Aline Gomes Soares

### REVISÃO

Marcelo Almada

### PROJETO GRÁFICO

Marcio Freitas e Renato Essenfelder

### REVISTA DIGITAL

Ana Paula Fraay e Veridiana Piccinini



### DIREÇÃO EXECUTIVA

Valter Vicente Sales Filho

### DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Regina Gambini

### COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Sidênia Freire

### COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Heloisa Ururahy

### COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Padilha

### COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

João Cotrim

### DIVULGAÇÃO

Jô Santana, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

### ESTAGIÁRIA

Tatiana Maria Soares

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site [sescvtv.org.br/aovivo](http://sescvtv.org.br/aovivo)

Acompanhe o SescTV: [sescvtv.org.br](http://sescvtv.org.br)



/sescvtv

Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: [atendimento@sescvtv.sescsp.org.br](mailto:atendimento@sescvtv.sescsp.org.br)

Leia as edições anteriores em: [sescvtv.org.br](http://sescvtv.org.br)

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado



em agosto

# gilberto mendes e a música nova

um documentário de Marcelo Machado

Foto: Popó Lopes



Assista online: [sesctv.org.br/aovivo](http://sesctv.org.br/aovivo)



/SESCTV